

Brasília, quarta-feira,
6 de julho de 1988 23

O pesquisador que reinventou a crítica

MILA PETRILLO



O crítico japonês Tadao Sato fala hoje na UnB sobre o cinema em seu país

Os cinéfilos brasileiros têm, hoje, um encontro marcado com Tadao Sato, um dos mais importantes críticos cinematográficos do Japão. A noite (20h30), na UnB, Auditório Dois Candangos, ele debaterá o Cinema Japonês com os interessados, tomando como o ponto de partida o filme *Era Uma Vez em Tóquio*, de Yasujiro Ozu. Por isto, recomenda-se que os cinéfilos vejam o filme em duas sessões especiais programadas pelo Cineclubes Dois Candangos. Uma, às 12h30, e outra às 18h30. O filme tem legendas em português.

A vinda de Tadao Sato ao Brasil se prende aos festejos pela comemoração dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, e faz parte de uma programação retrospectiva que mostra alguns dos melhores momentos do cinema japonês, em seus 88 anos de história. A mostra *Grandes Momentos do Cinema Japonês*, da qual *Era Uma Vez em Tóquio* faz parte, chegará a Brasília em agosto, de 4 a 17, e será exibida no auditório Dois Candangos. Como Sato não estará mais no Brasil, sua palestra antecipa a importante retrospectiva.

Tadao Sato tem 58 anos e é um dos mais importantes e influentes críticos e pesquisadores do cinema japonês. Ele é autor de quase 70 livros sobre cinema e está para a reflexão cinematográfica em seu país na proporção de Keiichi Mizoguchi, autor de rara produtividade (80 filmes). De sua vasta obra, um livro encontra-se vertido para o inglês (não há, por enquanto, nenhum em língua portuguesa): *Currents in Japanese Cinema*, tradução de Gregory Barrett.

Como crítico, Sato procura não se definir como um adepto da crítica "esteticista", nem da "sociológica" (ou marxista). Ele usa elementos destas duas importantes correntes mas se guia por um princípio maior, como declarou a Lúcia Nagib, da Cinemateca Brasileira de São Paulo: "Na crítica, há um caminho que promove a perseguição do belo, do estético, destacando sempre um personagem bonito, ou o caráter verossímil ou inverossímil de um filme. A outra tendência faz uma abordagem mais sociológica, ou mesmo marxista. Na verdade, o que eu criei se refere antes à indagação: por que o público comum vê e aprecia determinado filme?"

Munido desta indagação, Tadao Sato, "desprezando critérios preestabelecidos pela estética ou a sociologia", se colocou "na platéia, junto com o público", e passou a analisar a sua própria psicologia.

— Agi assim, por exemplo, com relação aos filmes *yakuza*, ou seja, de bandoleiros. Estes filmes estão longe do ideal estético ocidental, ao mesmo tempo em que, do ponto de vista temático e sociológico, não têm nada de interessante ou profundo. No entanto, os *yakuza* eram extremamente populares, eu mesmo gostava deles. Procedi, então, a uma análise da sociedade — o que, talvez, acabou resultando numa "tendência" crítica. Esse meu procedimento não se limitou aos filmes *yakuza*, mas no caso deles, não pretendi fazer um estudo de como o povo japonês se voltou contra o sistema, não tive uma intenção marxista ou ideológica, quis saber simplesmente como é que um povo, dentro da psicologia extremamente exclusiva do japonês, "errada" perante a modernização.

Lúcia Nagib diz, em uma pequena biografia de Tadao Sato, que "ele é um trabalhador incansável que, em seu primeiro livro (*Nihon no eiga — Cinema Japonês*) apontou um novo caminho para a crítica cinematográfica no Japão, que até então girava no círculo vicioso de um pensamento acadêmico dependente das teorias européias. "Mas não se trata, garante ela, em absoluto, de um antillectual. Ao contrário, sua compreensão profunda das características específicas do contexto japonês se deve, em grande parte, a uma meditação constante sobre a história da arte em seu país".

— A diferença que o caracteriza é ter abandonado os moldes importados diretamente do Ocidente e não a temer a interpretação de seus próprios sentimentos enquanto espectador médio. Não era tarefa difícil para alguém que se identificava mais com o homem comum do que com as elites e que, antes de se tornar "especulador de cinema por profissão" (como ele se define hoje) vivia de consertar telefones.

■ ERA UMA VEZ EM TÓQUIO — De Yasujiro Ozu. No Cineclubes Dois Candangos, na Universidade de Brasília. Exibição do filme às 12h30 e 18h30, e palestra do crítico japonês às 20h30. Só hoje.

Rejeição e angústia

Tadao Sato não poderia ter escolhido um diretor e um filme mais significativos para acompanhar sua passagem por Brasília. Afinal, Yasujiro Ozu (autor de *Era Uma Vez em Tóquio*) é um dos ídolos confessos do cultuadíssimo Wim Wenders e de um grupo ativo de cineastas paulistas (Carlos Reichembach, Inácio Araújo, Jairo Ferreira, entre outros).

Ozu é conhecido como "o mais japonês dos cineastas japoneses". Ele, em seus filmes, sempre procurou focalizar com espírito crítico a atmosfera corrupta da sociedade do pós-guerra sobre a instituição da família, e retratara a desagregação familiar através do

relacionamento entre os pais e os filhos já adultos. Num de seus filmes realizados durante a Grande Guerra *Os Irmãos e Irmãs da Família Toda* (1941), Ozu já havia tratado do tema de pais idosos que são malacolhidos pelas famílias e pelos próprios filhos. Já em *Era Uma Vez em Tóquio* (1953), o alcance da história foi ampliado na medida em que a rejeição dos filhos a seus pais se refletiu na vida solitária e angustiante de uma grande cidade. Tóquio, ainda não desenvolvida economicamente após a Guerra. Com este filme, Ozu ganhou, em 57, o prêmio Sutherland de melhor realização do ano no National Film Theatre de Londres.